

IMPERATIVOS DO SER MULHER¹

Silvana Vilodre Goellner²

RESUMO

Discutir o tema “Atividades Físicas e Gênero”, a partir da ótica dos “Imperativos do ser mulher” tem como objetivo levantar questões acerca naturalização que determinadas representações do corpo feminino assumem na sociedade brasileira. Estas representações são discutidas à luz da intervenção de uma área de conhecimento específica, a Educação Física. Mais especificamente sobre como, através práticas corporais e esportivas, essa área vem desenhando identidades visuais e comportamentais expressas no que, convencionalmente, se designou como imperativo do ser mulher: seja bela, seja mãe e seja feminina.

Pensar sobre a mulher e as representações do corpo feminino significa compreender o que se convencionou designar como sendo imperativo de seu sexo: seja bela, seja mãe e seja feminina. Imperativo porque possibilita pouca contestação; é quase uma norma que desenha um jeito natural de ser e de comportar. Isto não significa afirmar que todas as mulheres assumem e tomam para si essas convenções nem que deixam de reagir e de esboçar diferentes formas de resistência. Afinal, as mulheres são diversas entre si, portadoras de variados interesses, necessidades, vontades, desejos, sentimentos e formas de ver ao mundo e a si mesmas; são de diferentes raças, classes, religiões, idades e grupos sociais. São plurais.

No entanto, se pensarmos no que a Educação Física vem discutindo acerca do corpo da mulher, é possível perceber não a pluralidade mas o desenho de identidades visuais e comportamentais, tomando como referência a mulher adulta jovem, branca, heterossexual e de classe média, para as quais as atividades físicas e esportivas são recomendadas tanto para a aquisição e manutenção de um bom estado de saúde como para o aperfeiçoamento de sua beleza física, ou melhor, da exterioridade de seu corpo.

Pensar o corpo feminino, tendo o olhar direcionado para uma área específica de conhecimento, a Educação Física, pressupõe movimentar uma tensão entre o incentivo e a repressão à mulher no que tange a sua vida individual e social. Afinal, ao longo da história desta área de conhecimento, mesclam-se diferentes conselhos, prescrições e recomendações ora impulsionando-a a transgredir

determinados códigos sociais e sexuais tomados como naturais, ora cerceando possíveis ousadias.

Nesse sentido, é possível pensar que a mulher é sujeito e objeto de um discurso de que busca generalizar traços e percepções a partir de um olhar que expõe o seu corpo tornando-o objeto de desejo, ao mesmo tempo, que reprime o desejo que colaborou para despertar, sendo as práticas corporais e esportivas apresentadas como possibilidades de exposição e espetacularização deste corpo.

Seja bela: Entendendo a beleza não como um atributo natural das mulheres mas fruto de uma conquista que se viabiliza mediante um esforço individual e para o qual é necessário um trabalho árduo e constante que requer disciplina e dedicação, a Educação Física sempre buscou incentivar as mulheres a modificar seus hábitos e atitudes recomendando-lhes, por exemplo, banhos de mar, exposição ao sol, uso de vestimenta adequada, alimentação balanceada, cuidados com a pele e, principalmente, prática de atividades físicas. Para ser bela, há que fazer exercício físico pois beleza exige movimento. Exige um corpo em movimento.

Duas são a estéticas que, em diferentes momentos, inspiram a Educação Física a delinear padrões corporais: primeiro, a estética clássica simbolizada pela perfeição corporal atribuída às estátuas gregas, depois a estética dos modernos meios de produção e reprodução de imagens e informações, sobretudo, a fotografia e o cinema.

Se por um determinado período de sua história, as imagens e textos que circulam na Educação Física explicam/exibem uma representação de beleza que tem como sua expressão máxima a harmonia e a proporção das formas corporais tentando reproduzir o que uma vez se considerou corpo verdadeiro de deuses e deusas, de heróis olímpicos ou de pessoas perfeitas há, noutros momentos, a modernização deste conceito de belo, trazido para outro tempo/lugar: para a moderna sociedade capitalista, onde são outras as regras culturais que regem as representações de beleza e onde são outras, também, as formas de produção e reprodução de imagens.

A fotografia, o cinema e a televisão, por exemplo, criam e traduzem percepções estéticas que olham e exibem o corpo feminino a partir de outra aparência e sensualidade convertendo a imagem da mulher bela e sedutora em um ícone da sociedade de consumo, para a qual, além do corpo perfeito, para ser bela, é necessário ter qualidades capazes de seduzir e chamar para si o olhar do outro. Ser bela é ser, também, atraente e sensual.

Tornar-se mais atraente ao olhar do outro é tanto uma condição como um anseio que está impresso no detalhe do seu corpo. Uma condição porque a limita aos padrões

¹ Este texto cumpre um objetivo específico: sintetiza algumas das idéias desenvolvidas por mim na mesa redonda “Atividade Física e Gênero” realizada durante o VII Simpósio Paulista de Educação na UNESP, Campus Rio Claro nos dias 29 de abril a 02 de maio de 1999. Daí seu caráter fragmentário.

² Professora da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

estéticos dominantes e restringe os espaços para a expressão de outras singularidades - ainda que existam processos subjetivos de apreensão deste imaginário socialmente construído e aceito que permitam o desenho de determinadas formas de resistência. Um anseio porque liberta sua sexualidade da função reprodutiva fixando, no seu corpo, outros destinos.

Incorporadas ou não pelas mulheres, as representações de beleza e feminilidade de cada época, advêm de um olhar e de um discurso masculinos, não porque desenhadas e faladas por homens mas porque interiorizadas por um inconsciente que fantasia a diferença para torná-la suportável. Assim, se por um lado, a Educação Física expressa e estimula vontades (masculinas e femininas) que liberam o corpo da mulher e espetacularizam a sua exibição, por outro, censura esses desejos. Duplamente: pela censura oficial que regulamenta suas ações consoante os valores e as regras morais e sociais existentes e pela censura que emerge do inconsciente de cada pessoa cujos desejos desnudam/ocultam esse corpo que se oferece e é oferecido ao olhar.

Seja Mãe: Identificada como uma função social, a maternidade, é considerada, simultaneamente, como um destino porque observada como um acontecimento natural e como um desafio porque prescinde de preparação física e refinamento emocional. Tanto quanto ter um corpo fortalecido, é necessário, para a mãe em potencial, ter um caráter virtuoso, moldado pela valorização de qualidades como a benevolência, a generosidade, o recato e a abnegação.

Razão pela qual, a construção da representação mãe ganha espaço e significado na Educação Física porque personifica, ao mesmo tempo, promessa de felicidade familiar e de progresso social. Tanto porque lhe é atribuída a preservação da harmonia conjugal e a educação da prole como porque da saúde seu corpo depende ou não o vigor das futuras gerações.

Preparar a mulher para a maternidade, garantir que aconteça e conduzi-la com êxito traduzem vontades pessoais e políticas que reclamam precauções e orientações específicas, voltadas para o resguardo e a vigilância do corpo feminino.

Os excessos do corpo identificados, por exemplo, no uso de artifícios utilizados em nome do embelezamento (maquilagens, produtos químicos, roupas apertadas que oprimem os movimentos e a altura dos saltos dos sapatos), na alimentação exagerada, na prática demasiada de exercícios físicos e na participação equivocada em determinados esportes são criticados. Como também o são o desleixo, a falta de cuidados de si, a indolência, a preguiça e a inapetência para as práticas corporais e esportivas.

Para conduzir uma gravidez sadia são prescritas atividades físicas porque importantes para a construção de um organismo forte. No entanto, a densidade desse ser “forte” é tolerada até o ponto em que não ultrapassa aqueles

limites ditados por sua natureza. Forte sim mas sem deixar de ser frágil; sem invadir territórios que são construídos e vivenciados a partir de olhares e parâmetros próprios dos corpos masculinos. Pois, uma vez rompidas as fronteiras entre o permitido e o proibido, o próprio discurso das diferenças naturais como demarcadoras de talentos e funções pode estar sendo profundamente ameaçado.

Quando exalta a função reprodutiva da mulher, a Educação Física elabora e reproduz um discurso que fragmenta explicações sobre a construção do humano porque, ao separar a natureza da cultura, produz um olhar hierarquizado sobre as diferenças entre os sexos, inferiorizando a mulher perante o homem. O adjetivo “reprodutiva”, que na mulher aparece colado ao substantivo “saúde”, por exemplo, jamais é relacionado com o mundo masculino quando são divulgadas recomendações para as práticas corporais e esportivas. Como se os esportes não pudessem, também, ocasionar danos à sua genitália dificultando que os espermatozóides sejam produzidos e façam o correto caminho da concepção, prejudicando a sua ... paternidade. Poucas são, também, as referências sobre os incômodos da gravidez, o que colabora para a construção de um olhar linear e positivo sobre a maternidade, destacando suas vantagens, seus encantos, não suas contradições. Reforçam-se, assim, valores e comportamentos que enlaçam a mulher ao seu destino biológico fazendo crer que apenas sendo mãe é que expressa o máximo de sua feminilidade.

Seja feminina: As práticas corporais e esportivas, identificadas como possibilidades de controle e vigilância sobre o corpo da mulher e como experiências que movimentam e libertam os instintos trazendo-os à flor da pele, ao mesmo tempo que são incentivadas estão sujeitas a diversas regras, objetivando evitar transgressões além daquelas admitidas como “normais” ao organismo e ao comportamento femininos.

Quando o tema é a garantia fecundidade feminina, é às ciências biológicas que se recorre para assegurar explicações que estão fundamentadas em princípios de ordem moral naturalizando a vocação feminina para a procriação. A graça, o encanto, a sedução, a beleza e a harmonia das formas corporais, a delicadeza e o recato são qualidades que aparecem coladas a uma representação de feminilidade, que, quando rompida, aproxima mulher do seu oposto, portanto, que a afasta do que a engrandece. Afinal, masculino e feminino constelam hábitos, atitudes e formas de ser pouco maleáveis e que poucas interseções permitem entre si. Geralmente polarizadas por um olhar dicotômico, masculinidade e feminilidade, além de opostas são vistas como divergentes, pois para cada lado dessa construção, são conferidos atributos e qualidades que exprimem mais diferenças do que similitudes e complementaridade: homem/mulher, masculino/ feminino, vício/ virtude, potência/ fragilidade, virilidade/ fecundidade, produção/reprodução, público/privado, cultura/natureza.

Presos à identidade do sexo, os termos masculino e feminino, afirmam um mundo de homens e um mundo de mulheres que, apesar de coexistirem, pouco diálogo estabelecem entre si e cujos traços característicos são nítidos e facilmente apreendidos.

O termo masculinização da mulher, regularmente citado quando o assunto se refere à imagens de feminilidade, sugere não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres mas na sua aparência: julga-se o quão feminina é uma mulher também pela exterioridade do seu corpo.

Ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo são atribuídas características viris que não apenas questionam a beleza e a feminilidade da mulher mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo. Afinal, o homem - seu corpo e seu comportamento - é o modelo a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos. Olhada assim, se

uma mulher não parece ser uma mulher é porque é um homem.

Ao colocar em dúvida a identidade sexual de determinadas mulheres, esse discurso desconsidera sua sexualidade, isto é, o modo como cada uma vivencia seus desejos, seus amores e seus prazeres. Desconsidera e reprova, especialmente quando associa sua imagem “masculinizada” a uma suposta vivência homossexual.

Portanto, se é necessária a exercitação do corpo da mulher é também imprescindível a garantia daquelas características que asseguram seu jeito feminino de ser. Proliferam, então, técnicas e estratégias de auto-conhecimento e autocontrole que buscam não a restrição da sua movimentação mas, exatamente, o seu contrário: através do movimento e pelo movimento são estabelecidas formas sutis de aplicar um rígido controle sobre si mesmo e assim assegurar a construção de um padrão de “ser mulher” construído a partir de um olhar recheado de convenções e para o qual o termo feminilidade parece não existir no plural.